



Director literario:

Alcides Amorim
PAPIM

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

Director artistico:

Eduardo Collaço
PAPUSSE

“ZE” DO MALHO E SEU ESPANTALHO



Era uma vez um menino bastante *sonso-martelo*; todos fugiam, ao vê-lo, pois era muito ladino.



Um dia achando um espantalho prá afugentar os parpais, por entre os grandes trigais do lavrador «Zé do Malho»,



engendrou nova partida: (coisa a que nunca se poupa) tirou ao espantalho a roupa, vestindo-a logo em seguida.



Pôs-se na mesma atitude, de espreguiçada, com sono, em que se encontrava o môno que era colado com grude.



Dois caçadores, do atalho surgem e bradam após: — «vamos a ver qual de nós acerta neste espantalho?!»



«Sonso Martelo» ao ouvir uma tal pena de morte, em busca de melhor sorte, desata logo a fugir!

Os caçadores, porém, vendo o espantalho em fugida, desatam noutra corrida e aos gritos: — «ai, minha mãe!»

Mas, nisto, ouvindo gritar, aparece o «Zé do Malho» que ao apanhar o espantalho, começa nêlo a malhar!

F I M

UMA FITA AMERICANA

(dedicada aos "sobrinhos" e "sobrinhas" que gostam de aventuras)

POR TIO TÔNIO



A já alguns anos, vivia com sua filha Maricotas, um pesquisador de ouro americano.

Tudo quanto tinha encontrado do precioso metal, limitava-se a um anel que a filha tinha perdido na véspera.

A região onde ele pesquisava, era riquíssima em jazigos auríferos, capelas prátíferas e botões de madrepérola.

Já se sentia velho e extraira da terra todos os proventos que ela avaramente lhe dera. Batatas, rabanetes, etc., de uma horta que tinha ao pé de casa.

Maricotas, a filha do pesquisador, era o que se chama uma belesa de hortaliça.

Tinha uns olhos que mais pareciam dois astros e uns cabelos mais negros do que a noite.

Quando entreabria os lábios, côr de cereja, deixava ver uns dentes como feira de pérolas,

Era linda!!!

Mas isso era o menos! O pior é que um terrível bandido da região, que se fazia passar por pessoa séria e amigo do pai, queria à força casar com ela.

Ora a pobre pequena amava em silêncio um outro rapaz que era pessoa séria.

Passou-se o tempo.

Um dia o nosso pesquisador, andando à procura do eterno ouro, encontrou-o finalmente.

Estava um bocado pálido mas era o autêntico ouro americano!

Conseguiu reunir num saco alguns quilos dêle que, pelo visto, deveriam valer um dinheirão.

Estavam ricos!

Foi imediatamente a correr até à casa da filha e contou-lhe o sucedido a chorar de alegria.

—Minha filha! Sou, és, somos ricos!!! — e chorava de emoção. Vais cortar o cabelo à «garçonne», pintar os lábios e dançar o «charleston»!

Mandarei construir a ponte sobre o Tejo... E, de satisfação entoava a célebre partitura da «Rosa enxota o pinto», sentindo-se capaz das maiores loucuras...

Por acaso passava pelos arredores o tal bandido que se chamava «Bigodaças», já me ia esquecendo dizer, e que, ao ouvir aquele borberinho, veio espreitar.

Arregalaram-se-lhe os olhos de satisfação. OURO!!!

E uma ideia, terrível, sinistramente negra, (o negro ficava-lhe muito bem) lhe atravessou o cérebro a passos largos.

Roubar a filha, casar com ela, matar o pai, roubar as massas e... pronto.

Para realizar a primeira parte do programa o que faz êle? Quando a pequena muito despreocupada ia a sair, saltalhe em cima, agarra-a pela cintura, que seja dito de passagem era muito elegante e... zás!

Lançou-se a trote por aqueles campos fóra, saltando valados, rios, montes e outros obstáculos.

Mas no caminho encontrou-se com o namorado da pequena que era um rapazinho muito delicado e que acudiu atraído pelos gritos.

Este, imediatamente, agarrou o cavalo pelo rabo e obrigou-o a parar (nas fitas americanas é tudo assim).

O bandido saltou para o chão, espumando de raiva, com uma pistola na mão.

—As mãos no ar e o pé atrás! rugiu com uma voz de troglodita,

Mas um salto dado pelo nosso herói (está claro que o herói é o rapazinho) foi o suficiente para o desarmar.

Então, revolvendo-se na treva, rugindo de furor e raiva, os dois homens enlaçaram-se numa luta fêra e crua (até admira que, com aquele calor, estivesse crua).

Estiveram assim perto de três horas, com um pequeno intervalo para descansar e almoçar

Por fim, o bandido ficou postrado com um sôco que, com toda a delicadêsa, lhe partiu três dentes.

A pequena que não podia estar desmaiada tanto tempo, acordou e começou a morder nas unhas com um ar muito aflito como é costume nêstes transes.

Victoria! Venceu! Viva o herói!

Este agradeceu comovido, atirando beijos à multidão entusiasmada.

Foi então acompanhar Maricotas a casa onde a deixou sã e salva e renovou os protestos da mais elevada estima e consideração, de atento, venerador e obrigado.

No dia seguinte no Pan-kadaria-Bar, estava o herói que não sei se sabem se chamava Felismino, muito entretido a tomar um pirolito, quando lhe estalou sobre a cabeça uma garrafa de vinho generoso (alto lá com a generosidade!) decerto atirada por quaisquer mãos criminosas, tristes mãos escorraçadas.

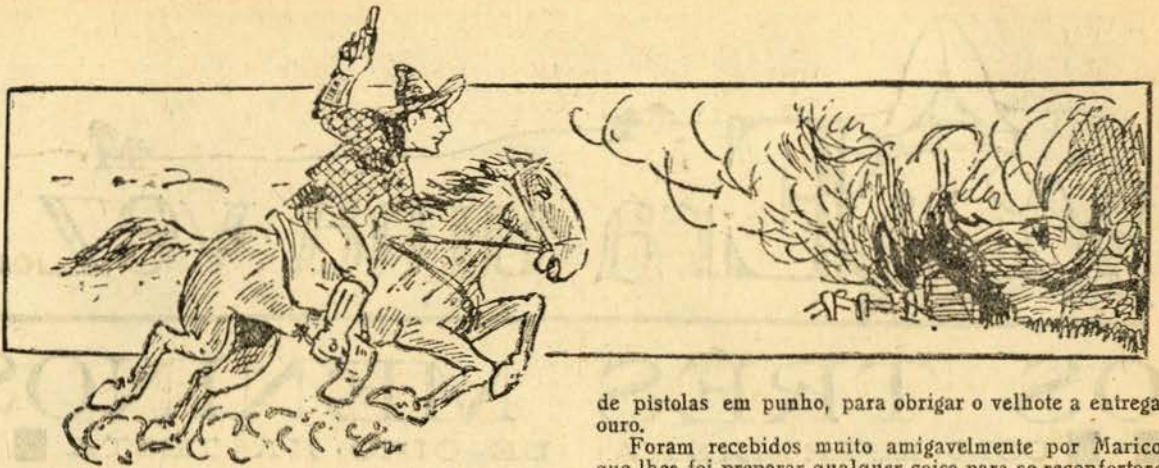
Tentando modestamente esconder-se atraz de um grupo estava o Bigodaças com um aspecto feroz. (Um homem dêtes só devia estar numa jaula!)

Emquanto o diabo esfrega um olho, armou-se ali um sarrabulho como não há memória nos anais da história.

Quando os ânimos sossegaram, jaziam num mar de sangue, trinta e oito indivíduos mais ou menos bandidos e um gato maltez que o dono da loja tinha em muita estimação.

Os que se salvaram puzeram-se em fuga.

Nessa tarde estranhos preparativos faziam os bandidos. Quatro toneladas de dinamite foram metidos no buraco da



fechadura da casa de Maricotas sem ninguém dar por isso, para, nessa noite, a fazer ir pelos ares.

Maricotas, ao querer entrar em casa, verificou que a fechadura estava entupida e ficou desconfiada.

Foi ter com o Felismino e contou-lhe o sucedido. Depois estiveram largo tempo combinando um projecto para se verem livres daqueles facínoras, muito em especial de Bigodaças.

Era já noite cerrada dizia a filha para o pai: — «Não ouve alguém mecher na porta?» — «Não faças caso; deve ser o guarda noturno.»

Nêste momento entraram os bandidos pela casa dentro,

de pistolas em punho, para obrigar o velhote a entregar o ouro.

Foram recebidos muito amigavelmente por Maricotas que lhes foi preparar qualquer coisa para se reconfortarem.

Os bandidos não desconfiaram de nada, porque êstes bandidos das fitas são muito ingénuos.

Maricotas trouxe, então, «sandwiches» de dinamite e vinho com ácido clorídrico que os bandidos comeram sem darem por nada.

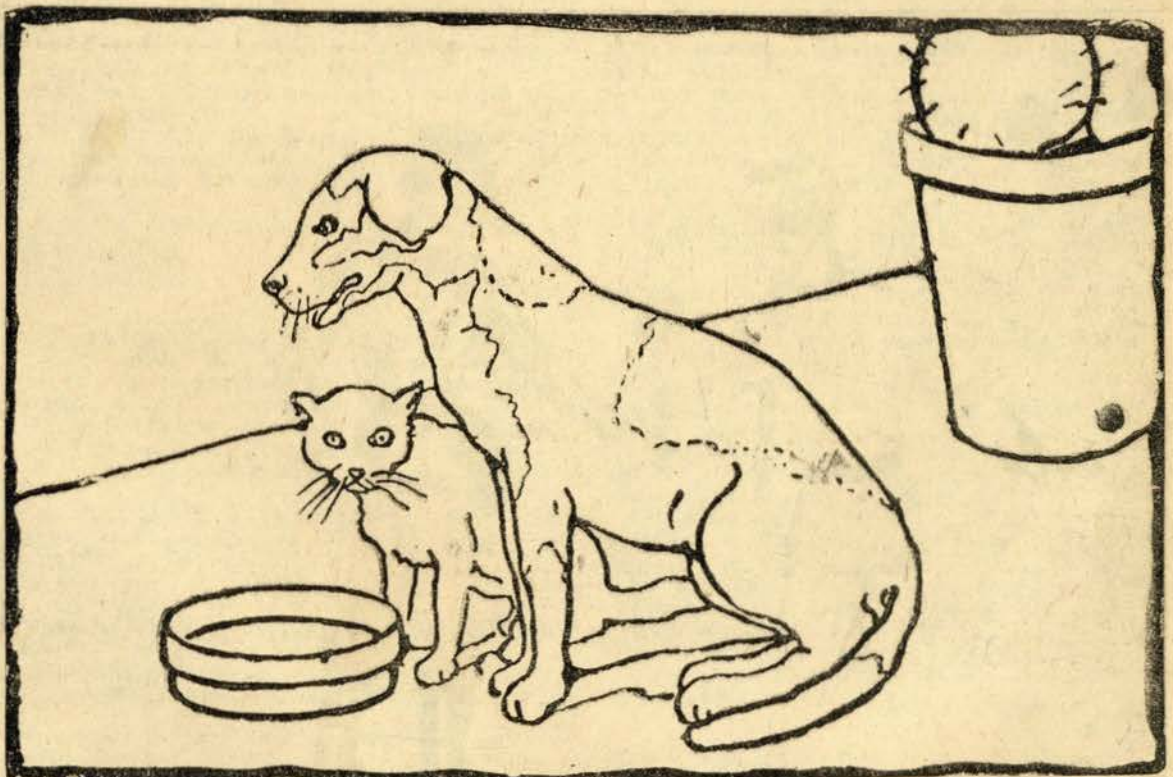
Estão a ver o resultado. Passado um bocado, sentiram umas cólicas e começaram saindo um a um.

Era interessante vê-los estoirar, quais bombas de S João, devido à dinamite ingerida!

Mas... faltou o Bigodaças, que estava entretido a pesar o ouro e que quando se viu só, desconfiou do caso. Era muito desconfiado, nem se podia ter brincadeiras com êle.

(Continua na página 6)

DESENHO PARA COLORIR



As côres que se devem pôr: *preto* no gato; *verde claro* nos olhos dêste e do cão; *côr de tijolo* no tacho; dentro dêle *azul claro*; malhas *castanhas* no cão; *amarelo* no muro; *castanho escuro* no chão; *verde azulado* no gato; *laranja avermelhado* no vaso.



OS TRÊS MENINOS

COM ESTRELINHA DE OIRO NA TESTA

Por **MARIA BRANCO**
Desenhos de **EDUARDO MALTA**

À minha querida Mãe que m'o contou

Novos filhos nasceram depois, e os anos passavam-se entre trabalhos e canseiras.

Até que, certa tarde indo Isabelinha à igreja, rezar ao seu padrinho, ouviu da boca do santo, as seguintes palavras: — «Dize a tua mãe que te faça um fato preto, do feitio da minha cota de malha e te vá oferecer ao palácio real para pagem do Príncipe...»

Obdeceram os pais de Isabelinha, e ela, sôb o nome de Jorge, ficou no palácio, brincando com o herdeiro do reino.

Descansaram as privações da aldeia, os pais sossegaram do seu árduo labôr e Jorge fazia-se esbelto e lindo com a adolescência que chegava.

Ora uma manhã de verão, Jorge retirara o seu barretinho negro e deixara tombar pelas costas as suas tranças castanhas. O príncipe havia partido para uma caçada.



ERA uma vez em pobre homem que tinha muitos filhos e moirejava dia e noite para os sustentar.

Quando lhe nasceu o undécimo, não querendo mais importunar os vizinhos, foi São Jorge quem serviu de padrinho à pequenina recém-nascida.

Na sua armadura reluzente, sorria-lhe do altar o santo e a afilhada fixava-o, doce-

mente, com uns estranhos olhos cinzentos, da côr das névoas, da côr das brumas...





Mas, de súbito, umas folhas são ramalhadas e, do alto do castanheiro, o Príncipe olhava boquiaberto.

Isabelinha quis ainda esconder os seus longos cabelos, mas já a seu lado estava o herdeiro do reino.

— «Para que te disfarçaste? perguntou à donzelinha que tremia sobressaltada.

— «Perdôa, Príncipe. Meu padrinho S. Jorge, aconselhou-me a este embuste, afim de que, com o nosso casamento, possam nascer três meninos com estrelinha de oiro na testa...

— «Serei teu marido, mas ai de ti! se não acontecer o que predizes...

* * *

No palácio, festejaram-se longamente as núpcias principescas, todos sorriam ante a felicidade daqueles dois corações que se amavam, somente o Regente permanecia frio, censurando ásperamente o proceder do Príncipe.

Entretanto, estala uma guerra com os intieis. O inimigo, em hostes numerosas, avassalava o Reino.

Toda a nobresa juvenil pegara em armas, acompanhando o Príncipe.

A noivazinha branca, de grandes olhos pardos, da côr das névoas, da côr das brumas, entristecera muito. Não voltaria a vêr o seu bem amado?!

* * *

O vento sibilava clamorosamente, através dos pinheirais extensos.

Alguem batia, ruidosamente, aos grandes portões reais. Um mensageiro chegara, ajoujado com uma canastrinha de prata.

Trémula de comoção, a Princesa abriu cuidadosamente a maravilhosa cestinha.

Quais avesinhas tenras, três pequerruchos anichavam-se entre fôfos agasalhos. Eram lindos, e possuíam as estrelinhas de oiro na testa.

Ensaúdada, recordou o Príncipe que andava longe, animando os soldados com o seu exemplo e as suas palavras.

Três bercinhos de madre-pérola, vieram ornamentar a câmara da Infanta que adormecera sonhando...

O vendaval continuava, baloiçando à doida as grandes florestas.

Cautelosamente, alguém penetrara na câmara-principesca.

Tenebrosamente, o Regente apossava-se dos três lindos meninos, colocando entre as rendas de espuma, três pretinhos, feiozinhos e magros.

Cinicamente, entregara os infantes a um velho escudeiro, ordenando altivamente:

— «Mata-os; deita-os aos lobos da floresta».

Servilmente, o criado cumpriu as ordens superiores, com um olhar vago de alucinado.

Descera a longa escadaria-real, aconchegando a si os pequeninos, e embrenhando-se na mata.

Ao longe, os uivos dos lobos assustavam.

Não, mil vezes não! Preferia morrer a praticar semelhante monstruosidade.

Trepou a certa árvore mais altaneira.

Acalentando os inocentes, vi-a-lhes, as estrelinhas refulgentes, scintilando, aos pálidos clarões lunares. A manhã rompera, afastando as trevas e terrores. O escudeiro ganhou alma nova. Dois pastoritos deixaram que os Príncipezinhos mamassem nas suas cabras castanhas.

Pela tarde, depois de ter caminhado imenso, o escudeiro deparou com uma choupana de pobres lenhadores. Era isolada por todos os lados e, sentindo os seus donos, leais e bons, o escudeiro contou-lhes a tragédia que o mortificava.

Aptedados, os camponeses acolheram-os no seu tugúrio.

O lenhador ficaria com um companheiro de trabalho, e a sua mulher teria mais três filhos a criar.

Como a sua filhinha rude era feliz, comparada com aqueles meninos-reais!

* * *

O Regente exultava. O Príncipe aproveitara as tréguas, para correr ao Palácio. Queria beijar os seus meninos, com estrêla de oiro na testa. Mas deparando com os pretinhos, e sua esposa semi-morta, julgara enlouquecer de dôr.

Tudo aquilo era um escândalo para o côrte e a Princesa deveria morrer, como desagravo de tanta afronta.

Continua na pág. n.º 7)



AVE PRÊSA...

POR AUGUSTO DE SANTA-RITA



*** DESENHO DE EDUARDO MALTA ***



Rosita, em sua sacada,
apanhou um passarinho
que deixara, no seu ninho,
quatro bebés da ninhada.

Então a ávesinha prêsa,
qual condenado às galés,
recordava os seus bebés
com infinita tristesa!

! O que lhes sucederia
longe do seu agasalho
e ao pé daquele espantalho
que ao meio da eira havia!?

Tão longe dos seus carinhos,
tão perto da humana fera
e desse espantalho que era
o Papão dos passarinhos!

Batia-lhe o coração
por baixo da sua ásita,
bem o sentia Rosita
na palma da sua mão!

Mas Rosa que estava a rir,
de súbito, entristeceu;
a razão não a sei eu,
nem é fácil discernir!

Só sei que, em dado momento,
tinha o olhar marejado;
acaso ter-se-ia dado
transmissão de pensamento!?

Sei também que, de mansinho,
a mão de Rosa se abriu
e o passarinho fugiu
em direcção do seu ninho!

Já Rosa de novo ria,
contente da sua acção,
com essa satisfação
que o passarinho sentia!

Meninos façam só bem
e tenham a tudo Amor;
porque a Alegria maior
é dar alegria a alguém.

CONTINUAÇÃO DO CONTO

UMA FITA AMERICANA

Sacando da pistola, fechou Maricotas e o pai dentro da cabana lançando-lhe o fogo.

Já as labaredas invadiam quasi toda a casa quando Felismino chegou, pois tinha estado no barbeiro.

Como era muito inteligente, logo compreendeu a situação aflitiva daquelas duas criaturas.

Era preciso salvá-las, custasse o que custasse!

Montou sobre o seu cavalo negro e de um salto passou por cima das chamas, entrando como uma flecha pelo postigo da porta.

Prendeu com toda a ternura os cabelos da pequena à garrupa do cavalo, segurou o velho por uma perna porque este era careca e, com outro salto, estava cá fóra.

Este bocadinho é muito emocionante... Não acham?

Era tempo. A casa voara pelos ares pois o fogo tinha já chegado ao buraco da fechadura onde estava o dinamite.

Soltou a pequena que estava toda chamuscadinha, coitadinha, e o velhote, que, com uma lágrima ao canto do olho, contemplava tristemente as fumegantes ruínas da sua choupana...

Dias depois, na alegre capela da aldeia, realizava-se o casamento de Felismino e Maricotas.

Soubese depois que Bigodaças morrera, comida por percevejos, num quarto do hotel da localidade para onde fóra gozar os rendimentos.

Eis o justo castigo da vaidade daquela criatura.

A cabeça foi enviada ao Instituto Anti-Rábico para análise.

FIM



E para que baila o povo, ébrio de alegria, pelas praças públicas, ao toque de adufes e tambôres?

No palácio, sômente sorri o Regente.

O Príncipe envelhecera anos.

E no átrio-real, sofredores, uns olhos pardos, da côr das brumas, da côr das névoas, olham sem ver, boiando serenos em lágrimas puras.

A algazarra é atordoadora.

Para comemorar a vitória, o Príncipe acolheria alguns pedidos de justiça.

Ante o pasmo da côrte, a Princesa linda, de olhos plúmbeos, apareceu no salão-nobre, pedindo audiência ao Príncipe.

Preciso era reparar uma grande injúria...

Urgia que arautos atravessassem o Reino, proclamando aos sete-ventos que todos os meninos de quatro anos acorressem ao Palácio.

Se, por acaso, seus filhos fossem vivos, haveriam de aparecer.

O Príncipe acedera ao brado de angústia de sua esposa sempre amada. Multidões de crianças, chegavam todos os dias. Porém, os meninos de estrelinha de ouro, jamais!...

A Princesa, sofria o escárneo dos bobos e da soldadesca...

Todos os meninos lhe haviam cuspidos no rosto!

Se seus filhos aparecessem!...

O praso ia a findar...

Até que, finalmente, envergando túnicas de linho branco, três meninos, celestialmente lindos, penetraram no átrio-real.

— «Escarrem nesta miserável», grita-lhes o guarda.

As crianças retiram as suas capas das cabecinhas loiras, e três estrelinhas brilham e rebrilham em suas testas alvas.

Ajoelhando diante da Princesa, murmuram ansiosamente:

— «Mãe, adorada Mãezinha!»

Se faiscas tivessem electrizado o Palácio, não teriam emocionado mais, do que esta linda scêna de amor-filial.

Os guardas, confusos pelo remorso, choravam aflitivamente...

Os camaristas desfaleciam. O Príncipe julgou morrer de alegria.

— «Minha santa, perdôa-me, perdôa-me! Fui instigado pelo Regente a semelhante selvajeria. Castiga-me por tuas mãos, Princesa linda, dos olhos belos, da côr das brumas, de côr das névoas».

— «Meu Príncipe, esqueçamos as horas más, três estrelinhas doiram agora o nosso porvir. Vivamos por elas e para elas». Como simples mortais, que não fossem Reis nem Rainhas, nem Príncipes, todos cinco se envolveram num abraço de amor.

O Regente desaparecera. Deixara a seguinte missiva.

«Venceste, Rainha! Os teus olhos cinzentos, da côr das brumas, da côr das névoas, não tornarão a chorar. Por essa alegria que te espera, perdoa-me. Afinal o escudeiro-leal, traiu-me, não matando os teus filhos, a dôr não conseguiu matar teu Esposo e tu resististe, heroica, aos piores insultos. Sômente o meu coração punge em remorsos, queimando-me a vida e o sangue. Ardo sem me consumir.

O Regente.

Os lenhadores foram régicamente recompensados. O escudeiro voltou radiante ao Palácio-Real.

Os Príncipezinhos crescem como lindas flores, entre os sorrisos paternos e as carícias de certos olhos pardos, da côr das névoas, da côr das brumas, que os vigiam ternamente.